



TERRORISMO

Líder do EI morre em operação americana

Segundo Joe Biden, Abu Ibrahim al-Hashimi al-Qurashi detonou um explosivo tirando a própria vida e a de familiares. No comando do grupo radical há dois anos, o extremista foi cercado pelas forças especiais dos EUA na região de Idlib, na Síria

Num momento em que voltava a dar sinais de força na Síria e no Iraque, o grupo extremista Estado Islâmico (EI) perdeu sua principal liderança. Abu Ibrahim al-Hashimi al-Qurashi, chefe da facção nos últimos dois anos, morreu em uma operação das forças especiais dos Estados Unidos na Síria, anunciou o presidente Joe Biden. Em pronunciamento, após a divulgação de um comunicado, o chefe da Casa Branca informou que Qurashi, cercado pelos soldados americanos, detonou uma bomba na casa em que estava com familiares na localidade de Atme, região de Idlib.

“Em um último ato desesperado de covardia e sem se importar com a vida de sua própria família ou de outras pessoas no prédio, ele escolheu explodir a si mesmo, não apenas o cinto (de explosivos), mas todo o terceiro andar do que enfrentar a justiça pelos crimes que cometeu, levando vários familiares com ele, como fez seu antecessor”, disse Joe Biden, referindo-se a Abu Bakr al-Baghdadi.

Na explosão, morreram 13 pessoas, incluindo mulheres e crianças. Os soldados americanos que participaram da ação nada sofreram. De Washington, ao lado da vice Kamala Harris e de assessores da área de segurança, Biden acompanhou toda a ação em tempo real. “Sob minha direção, as forças militares dos Estados Unidos executaram com sucesso uma operação de contraterrorismo para proteger o povo americano e nossos aliados, e tornar o mundo um local mais seguro”, afirmou, no comunicado.

Caçada

Segundo informações divulgadas pela rede CNN, a autorização para a ofensiva foi dada na terça-feira. “A operação de ontem (quarta-feira) à noite removeu um grande líder terrorista do campo de batalha e enviou uma forte mensagem aos terroristas de todo o mundo: vamos caçar



Imóvel na localidade de Atme, onde o jihadista morava com a mulher e filhos há quase um ano: 13 mortos na ofensiva

Perfil

De informante a comandante

Chamado de “o professor” ou “o destruidor”, o iraquiano Abu Ibrahim al-Hashimi al-Qurashi (foto) era relativamente desconhecido, ao contrário de seu antecessor, Abu Bakr al-Baghdadi, mas manteve a estratégia do Estado Islâmico durante os dois anos em que esteve no comando. O jihadista, porém, teria atuado como informante para o governo dos Estados Unidos, após ser capturado no Iraque, em 2004, segundo o Washington Post.

De acordo com o jornal

“você e encontraremos vocês”, advertiu o presidente americano.

“Evidentemente, é um importante revés para o EI”, opinou Hans-Jakob Schindler, especialista que trabalhou para as Nações Unidas. No entanto, ele assinalou que isso não significa o fim da linha para a facção: “Seria um

americano, Quraishi teria sido um prisioneiro cooperativo com os serviços de inteligência, fornecendo informações sobre ações terroristas, que teriam levado à prisão e morte de extremistas.

Segundo o centro de reflexão Counter Extremism Project (CEP), o jihadista, um ex-oficial do Exército iraquiano, graduado na Universidade de



mo no Levante (região que abrange Síria e Iraque). Lá, ele conheceu Baghdadi, que, em 2010, tomou o

controle do braço iraquiano da Al-Qaeda antes de criar o grupo EI nos dois países.

Segundo o CEP, o jihadista “ascendeu rapidamente ao alto escalão da insurgência” e adquiriu uma reputação de homem brutal, em particular pela eliminação dos oponentes dentro do próprio grupo. Qurashi, que ao contrário dos líderes anteriores do EI não era de origem árabe, tentou dar nova vida ao grupo, que dava sinais de enfraquecimento.

o comando do Estado Islâmico dias depois da morte de Baghdadi, em outubro de 2019. Os serviços secretos dos EUA e do Iraque o identificaram formalmente como novo líder do EI apenas alguns meses depois. Washington prometeu uma recompensa de US\$ 10 milhões por qualquer

informação para encontrá-lo.

Segundo o general Kenneth McKenzie, chefe do Comando Central dos EUA, o extremista teve a chance de se render. “Haji Abdullah não lutou”, disse o militar, usando outro nome adotado pelo terrorista. “Ele matou a si mesmo e sua família

a transmissão de doenças. Nenhum cientista tem dúvidas sobre isso”, criticou Seth Flaxman, professor de Ciência da Computação da Universidade de Oxford, no Reino Unido. “Um estudo que queira provar o contrário, provavelmente, é falho”, diz o cientista, autor de um artigo publicado na revista Nature sobre a quantidade de vidas salvas pelos bloqueios, que ficou de fora da meta-análise.

COVID-19

Boas previsões para a Europa

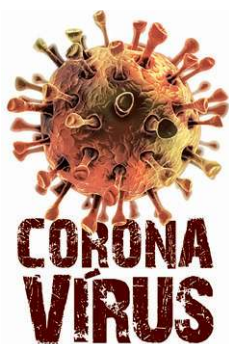
Dois anos após o início da pandemia de covid-19, a Europa poderá entrar em breve “num longo período de tranquilidade”, destacou, ontem, Hans Kluge, diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o continente. “É uma trégua que pode nos trazer uma paz duradoura”, ressaltou. Nos últimos dias, vários países começaram a suspender suas restrições, após semanas conturbadas em razão da variante ômicron.

A agência da ONU argumenta que, graças ao alto número de pessoas vacinadas, à menor gravidade da cepa e à proximidade do fim do inverno, o continente poderá se defender melhor contra qualquer ressurgimento do vírus. “Há uma oportunidade única de assumir o controle da transmissão”, disse Kluge.

Ele assinalou, contudo, que essa situação só vai durar se a imunidade for preservada, ou seja, se

as campanhas de vacinação continuarem e o aparecimento de novas variantes for monitorado. Nesse sentido, o especialista pediu aos governos que continuem protegendo a população mais vulnerável, principalmente.

A região Europeia da OMS inclui 53 países. Em todos eles, as infecções dispararam devido à variante ômicron. Apesar dos números de contágio, vários países, como Dinamarca, Noruega, Suécia e França, reduziram suas restrições. Decisões que a OMS considera adequadas. “Penso que é possível responder às novas variantes, que inevitavelmente surgirão, sem repor o tipo de medidas de que precisávamos antes”, enfatizou o especialista.



Lockdown

Em meio às boas-novas, um estudo de pré-print ainda não revisado por pares causou polêmica no mundo científico ao afirmar que os lockdowns na primeira onda de covid-19, em 2020, reduziram a mortalidade pela doença em apenas 0,2% nos EUA e na Europa. “Embora essa meta-análise conclua que os bloqueios tiveram pouco ou nenhum efeito na saúde pública, eles impuseram enormes custos econômicos e sociais onde foram adotados”, escreveram os pesquisadores. “Em consequência, as políticas de lockdown são infundadas e devem ser rejeitadas como instrumentos de política pandêmica.”

A pesquisa foi liderada por

economistas — Steve Hanke, da Johns Hopkins, e Lars Jonung, da Universidade de Lund, na Dinamarca. Eles compilaram os dados de pesquisas norte-americanas e europeias sobre os efeitos do lockdown na mortalidade por covid para fazer a meta-análise.

Críticos do artigo apontaram falhas. Pelo menos dois estudos — um no Reino Unido — que detectaram quedas claras nas mortes por covid ao comparar a taxa diretamente antes e depois de um lockdown foram deixados de fora da meta-análise porque os pesquisadores alegaram que os resultados podem ter sido influenciados por “fatores dependentes do tempo”, como a sazonalidade. Outra pesquisa que ficou de fora indica que 3 milhões de vidas na Europa foram salvas devido aos bloqueios da primavera de 2020.

O trabalho feito pela Johns Hopkins também ignorou os estudos



Pedestres em Oslo: vida volta ao normal na Noruega

que analisaram os efeitos de lockdowns precoces em países que conseguiram suprimir a covid e registrar taxas de mortalidade extremamente baixas durante a pandemia, por meio de bloqueios e controles de fronteira rígidos, como China, Austrália e Nova Zelândia.

“Fumar causa câncer, a terra é redonda e mandar as pessoas ficarem em casa (a definição correta de bloqueio) diminui



A operação removeu um grande líder terrorista do campo de batalha e enviou uma forte mensagem aos terroristas de todo o mundo: vamos caçar vocês e encontraremos vocês”

Joe Biden,
presidente dos EUA

próxima sem lutar. Nós tentamos fazê-lo se render e lhe oferecemos uma saída para sobreviver”, acrescentou.

A ofensiva para capturar Qurashi utilizou helicópteros para o transporte de tropas. De acordo com a ONG Observatório Sírio para os Direitos Humanos (OSDH), os militares pousaram perto do campo de deslocados de Atme, e depois começaram os confrontos, que duraram aproximadamente três horas. Moradores disseram ter ouvido bombardeios e tiros.

Em uma gravação de áudio que circula entre a população de Atme, atribuída a um integrante da coalizão internacional, uma pessoa, que fala em árabe, pede a mulheres e crianças que abandonem as casas na área atacada. Membros das Forças Democráticas Sírias (FDS), dominadas por curdos, participaram na operação, segundo o OSDH.

Os correspondentes da agência de notícias France Presse (AFP) relataram que a operação americana tinha como alvo um imóvel de três andares, em uma área cercada por árvores, que ficou parcialmente destruído. Abu Ahmad, proprietário da casa informou que Qurashi viveu no local por 11 meses. “Não vi nada suspeito, ele só vinha me ver para pagar o aluguel. Ele morava com os três filhos e a esposa. A irmã viúva e a filha dela moravam no andar de cima”, explicou.